Vinicius Lummertz*

A nova guerra mundial é feita de linguagem

A política contemporânea é travada por narrativas, afetos e slogans. Wittgenstein anteviu esse conflito. E ele já é global. " O mundo é tudo o que é o caso", escreveu Wittgenstein no início de seu Tractatus. Mas no século XXI, das redes sociais e da AI , talvez devêssemos reformular: o mundo é aquilo que se diz que é o caso, e o que se faz com essa linguagem.

A guerra global do nosso tempo já começou. Ela não foi formalmente declarada, mas seus efeitos se acumulam: polarização radical, erosão institucional, colapso do diálogo, identidades políticas intransponíveis. Não há tanques nas ruas, mas há palavras como armas. A linguagem se tornou o novo campo de batalha, e os jogos de linguagem descritos por Wittgenstein são a chave para entender esse fenômeno.

Segundo ele, não existe linguagem neutra: as palavras só têm sentido dentro de contextos culturais e usos sociais específicos, os chamados "jogos de linguagem". Hoje, o que vemos são jogos incompatíveis em confronto direto, sem gramática comum que permita reconciliação. A política virou um choque de léxicos fechados. A paz do pós-guerra, moldada em Bretton Woods, na ONU, na OTAN e na diplomacia ocidental , foi construída sobre uma linguagem comum de um grande vitorioso. Essa linguagem se fragilizou com o tempo.

Donald Trump foi o pioneiro da linguagem performática na política recente. O slogan "Make America Great Again" não é somente uma tese, patriótica mas também um ritual identitário. Seu poder não está só na própria coerência, mas na repetição. O tarifaço contra o Brasil, por exemplo, não é uma política comercial racional , é uma narrativa de força geopolítica . Steve Bannon entendeu isso cedo: na era da guerra simbólica, ganha quem comanda o léxico. Essa parece ser a tese mais radical de contraponto ao esquerdismo , como dizia Lenin , a doença infantil do socialismo.

No Brasil, o bolsonarismo replicou esse padrão. Palavras como liberdade e globalismo descrevendo ou não os fatos, dependendo das opiniões , constroem , todavia , realidades semânticas. São marcadores de pertencimento, ferramentas de mobilização afetiva.

Mas o mesmo se aplica à esquerda, especialmente à vertente identitária que se consolidou nos EUA e na Europa nas últimas décadas, e que foi importada, de forma acrítica, pelo Brasil. Esse novo progressismo se articula por meio de uma linguagem moralista, por vezes inquisitorial, que transforma qualquer discordância em opressão e qualquer crítica em ofensa.

A esquerda identitária, ao colocar raça, gênero, sexualidade e microagressões como eixos absolutos do discurso público, contribuiu para a desagregação da linguagem cívica comuns, o que levou o Partido Democrata americano ao paroxismo. Ao substituir a nação por identidades fragmentadas, criou o vácuo no qual a direita prosperou. A linguagem moral da esquerda funcionou, paradoxalmente, como escada para o seu oposto. Não é difícil entender por quê: quem moraliza o discurso, abre espaço para quem promete restaurar o "real".

No fundo, tanto a esquerda quanto a direita com frequência agem como seitas. Wittgenstein já dizia: "A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pela linguagem." Hoje, esse enfeitiçamento é bilateral e no centro pode haver razão mas não há feitiço.

Há, porém, algo ainda mais perigoso no cenário atual: o discurso totalizante do fundamentalismo islâmico. Se a linguagem identitária da esquerda é uma igreja moral e a da direita é um culto político, o jihadismo é uma teocracia bélica. No Oriente Médio, Hamas e Hezbollah usam a linguagem do martírio, da resistência sagrada, da guerra santa. Seus discursos não se baseiam em diálogo ou valores universais, mas em códigos medievais absolutos, irracionais e inegociáveis. É uma gramática impermeável à política.

Do outro lado, Netanyahu usa a retórica da "defesa da civilização" para justificar ações igualmente simbólicas — e devastadoras. A guerra entre Israel e Irã (e seus representantes) é antes de tudo uma guerra de discursos, em que a linguagem precede a bala.

Na Rússia, Putin recorre à mitologia histórica — a "desnazificação" da Ucrânia, para justificar uma guerra de conquista. A mentira não importa: o que importa é que o discurso funcione dentro da gramática russa. Como em Wittgenstein: o sentido está no uso.

E o que fazem China e Índia? Jogam o jogo do silêncio. Xi Jinping e Narendra Modi se recusam a falar a linguagem ocidental. Para eles, a ambiguidade é poder. O Brasil do Itamaraty já rezou por essa cartilha pragmática. Wittgenstein, aliás, escreveu: "Do que não se pode falar, deve-se calar." O silêncio, neste caso, é estratégico — e tão eloquente quanto qualquer discurso.

Essa nova guerra mundial não será vencida por força militar. Será vencida — ou perdida — nos campos da linguagem, da cultura, da informação. É uma guerra sem fronteiras fixas, sem tratados, sem rendição. E talvez sem fim.

Se não recuperarmos uma linguagem comum numa gramática compartilhada de humanidade, justiça e verdade , virá o colapso da política como prelúdio de algo muito maior para nós : a decomposição da própria civilização liberal.

Wittgenstein nos alertou: "Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo."

***Ex-ministro do Turismo, ex-presidente da Embratur**

Gustavo Tutuca*

Cerveja, identidade e desenvolvimento: a força de Petrópolis como Capital Estadual da Cerveja

Nesta sexta-feira, 1º de agosto, celebramos o Dia Internacional da Cerveja. E não há lugar mais simbólico no estado do Rio de Janeiro para homenagear essa data do que Petrópolis, cidade que carrega, por força de lei, o título de Capital Estadual da Cerveja.

Em 2017, tive a honra de apresentar e aprovar na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, junto com o deputado estadual Marcus Vinícius Neskau, a Lei nº 7.650, que reconhece oficialmente essa vocação tão presente na história, na cultura e na economia petropolitana. Mais do que um título simbólico, a lei consolidou Petrópolis como referência no setor cervejeiro, abrindo caminho para políticas públicas de incentivo ao turismo, à geração de emprego e à valorização da identidade local.

Petrópolis é o berço da cerveja no Brasil, abrigando desde 1853, até os dias atuais, a Bohemia, a cervejaria mais antiga do país. O município tem atualmente 22 cervejarias artesanais, além das fábricas da Petrópolis e Cidade Imperial e soube transformar sua tradição em uma poderosa alavanca de desenvolvimento regional e econômico. Hoje, a Capital Estadual da Cerveja é também protagonista em eventos de grande porte, como a Bauernfest, que celebra a cultura alemã e atrai mais de meio milhão de visitantes, movimentando a economia e promovendo a cidade nacional e internacionalmente. Na edição 2025, foram consumidos na Bauernfest mais de 135 mil litros de cerveja, em 16 dias de evento.

A partir da sanção da lei, novas iniciativas puderam ser fomentadas, como a Rota Cervejeira do RJ, projeto da Secretaria de Estado de Turismo, que conecta Petrópolis a outros polos da região da Serra Verde Imperial, como Teresópolis e Nova Friburgo, criando experiências imersivas que misturam gastronomia, cultura e paisagens encantadoras. É o turismo como vetor de crescimento e interiorização da economia.

O mercado também responde com otimismo: o Rio de Janeiro ocupa hoje a 6ª posição nacional em número de fábricas de cerveja artesanal. Segundo levantamento do Sebrae/RJ, o estado conta atualmente com 195 empresas dedicadas à produção de cerveja e chope. Outro dado relevante é que o Rio de Janeiro é o estado com maior dispersão de cervejarias do país, com 46,7% dos municípios fluminenses possuindo ao menos uma cervejaria registrada. Além disso, 17 municípios do estado já contam com dez ou mais cervejarias, o que demonstra o alcance e a força dessa cadeia produtiva em todo o território fluminense.

Que o Dia Internacional da Cerveja seja celebrado com responsabilidade, alegria e pertencimento. E que cada brinde feito por aqui também celebre a história, a cultura e o futuro de Petrópolis e do mercado cervejeiro em todo o estado.

***Secretário de Estado de Turismo do RJ, deputado estadual e autor da Lei 7.650/17, que institui Petrópolis como Capital Estadual da Cerveja.**

EDITORIAL

Livros de colorir e a sobrevida das livrarias

Toda geração tem uma época de conceder holofotes a um determinado produto ou serviço. Isso vale para todas as faixas etárias, gêneros, grupos sociais e setores. E, com o advento das redes sociais - em que parece que o sucesso ou fracasso de uma ideia ou um produto estão atrelados à quantidade de cliques, curtidas e compartilhamentos -, essa fama tende a ter uma rotatividade mais acelerada do que antes.

A febre do momento são os livros de colorir "Bobbie Goods", com páginas de animais fofos com um traço simples, mas nostálgico. Apesar de não terem uma história complexa, os livros tendem a ser uma alternativa como atividades de lazer e relaxamento, além de concentração para pintar as páginas.

Segundo a Câmara Brasileira do Livro, dos cinco livros mais vendidos no Brasil neste ano, quatro são livros de colorir de Bobbie Goods. A única exceção é o livro "Café com Deus Pai", outra obra que ficou popular graças às redes sociais, que ocupa a terceira posição de livro mais vendido do ano.

Mas o intuito não é desmerecer obras populares somente por serem uma tendência do momento. Do contrário: independentemente da rotatividade do sucesso ou popularidade dessas "trends" do momento, o aumento de vendas de determinados produtos pode ser a salvação de determinados setores. Com a popularidade dos livros de colorir, Bobbie Goods vendeu 150 mil cópias entre dezembro de 2024 a março de 2025. E até o final do mês de julho, a coleção alcançou a marca de 2,5 milhões de exemplares vendidos. E, em uma realidade em que livros físicos estão cada vez menos procurados com o advento de instrumentos como o Kindle, que permitem que se baixe uma infinidade de livros virtuais, esse aumento de vendas se torna um respiro para livrarias e papelarias, para além do período de compras de materiais escolares.

Segundo o 2º Painel do Varejo de Livros no Brasil, entre 27 de janeiro e 23 de fevereiro, o setor de varejos de livros registrou um aumento de 6,19% em volume de vendas e um aumento de 6,09% no faturamento. E segundo o presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), Dante Cid, em entrevista ao PublishNews, "este crescimento observado nos últimos períodos vem alavancado pela retomada do sucesso dos livros de colorir".

Para além de um aumento de vendas, é a segurança de manter empregos vinculados ao setor literário. Fora que, considerando o público jovem, é uma alternativa para se desvincular de telas, reforçar a criatividade e coordenação motora, assim como pode ser uma porta de entrada para diversos outros livros e atividades criativas.

Cuidar da mente é cuidar do corpo

Em um mundo cada vez mais conectado e acelerado, onde a pressão por produtividade e sucesso é constante, a saúde mental emergiu como um tema central e inegociável. Longe de ser um luxo ou um sinal de fraqueza, cuidar da mente é uma necessidade básica para uma vida plena e equilibrada. Assim como exercitamos o corpo, precisamos nutrir e proteger a nossa mente, reconhecendo seus limites e buscando apoio quando necessário.

A saúde mental vai muito além da ausência de transtornos psicológicos. Ela engloba nosso bem-estar emocional, psicológico e social. Afeta a forma como pensamos, sentimos e agimos diante dos desafios da vida. Uma mente saudável nos permite lidar melhor com o estresse, construir relacionamentos significativos e tomar decisões conscientes, impactando diretamente nossa qualidade de vida.

O estigma em torno da saúde mental ainda é um obstáculo. Muitas pessoas hesitam em falar sobre suas dificuldades, temendo julgamentos ou incompreensão. É fundamental desmistificar a ideia de que buscar ajuda profissional, como a terapia, é algo para "pessoas com problemas graves". Na verdade, a terapia é uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, que nos ajuda a entender nossos padrões de pensamento, a lidar com emoções difíceis e a fortalecer nossa resiliência.

Existem cuidados diários que podemos incorporar à nossa rotina para fortalecer a mente. O autocuidado é um pilar essencial. Isso inclui desde hábitos simples como uma boa noite de sono, uma alimentação equilibrada e a prática regular de exercícios físicos, até momentos dedicados a hobbies e atividades que nos dão prazer.

Opinião do leitor

Clamor da fome

Mãos estendidas. Trêmulas. Quase esmagadas entre o sol avassalador. Nuvens parecem descer comovidas. A poeira, o choro entre empurrões e gritos. Latas, baldes, panelas misturam-se com vozes miúdas de rostos sujos e aflitos. Crianças compõem o cenário dantesco da fome em Gaza.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã
O "Conde Zeppelin" atingirá hoje o Brasil

HÁ 95 ANOS: SEBASTIÃO LEME JÁ AVALIA RETORNO AO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1930 foram: Tratado naval na Câmara dos Comuns é ratificado em definitivo. Metalúrgicos e operários das fábricas de tecidos de Lille entram em greve. Terremoto no sul da Itália deixa a população aflita por novos incidentes ambientais. Governo português avalia mudanças na equipe. Cardeal Sebastião Leme está perto de retornar ao Brasil.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES LEVA MULTIDÃO NO MATO GROSSO

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes leva multidão às ruas de Cuiabá e faz um discurso em defesa da nação. Diplomata soviético Jacob Malik presidirá o Conselho de Segurança da ONU, sob os olhares céticos das nações latino-americanas. Ministério do Trabalho ficará isento nas eleições dos sindicados, afirma o presidente Dutra.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.